

## **Trabalho e Prosperidade Comercial dos Imigrantes e Descendentes de Sírios e Libaneses em Florianópolis no século XX**

Daniela Siqueira de Menezes  
dani.smenezes@gmail.com  
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: No início do século XX, muitos imigrantes de origem síria e libanesa chegaram à região de Florianópolis e se estabeleceram comercialmente, obtendo grande prosperidade em seus negócios. Este artigo tem por objetivo analisar a chegada desses imigrantes e o processo de desenvolvimento comercial levado adiante através de seus descendentes.

Palavras-chave: Imigrantes; Comércio; Florianópolis.

Abstract: At the beginning of the twentieth century, many immigrants from Syrian and Lebanese origin arrived at regions of Florianópolis and settled down commercially, achieving great prosperity in their businesses. This article aims to examine the arrival of these immigrants and the process that took place since the opening of the first establishments to the commercial development brought on by their descendants until this day.

Keywords: Immigrants; Trade; Florianópolis.

### Labor and comercial prosperity among Syrian and Lebanese immigrants and decendants in the Twentieth century Florianopolis

Como tantos imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX, muitos sírios e libaneses abandonaram sua terra natal em busca de melhores condições de vida para si e para suas famílias. O destino destas pessoas era, geralmente, a América, mais especificamente os Estados Unidos, mas muitos vieram parar na Argentina e no Brasil pelos mais variados motivos. Segundo Jorge Safady<sup>1</sup>, entre 1871 e 1947 entraram oficialmente no Brasil 79.509 sírios e libaneses. Muitos, não se sabe quantos, entraram no país sem constar nas estatísticas oficiais. Destes quase 80.000 imigrantes existentes nas estatísticas, muitos se fixaram em São Paulo, e outros partiram para outros Estados, vindo, inclusive, para Santa Catarina.

A emigração foi uma forma de fuga dos povos árabes da violenta dominação do Império Turco-Otomano. Os turcos, de fé islâmica, perseguiram os árabes cristãos, que em sua maioria viviam na Síria e no Líbano. Além disso, passaram a exigir o recrutamento de cristãos para o fortalecimento de seu exército, quando este estava em decadência. Tudo isso, aliado a dificuldades econômicas, fez com que um grande número de pessoas se aventurasse em terras

---

<sup>1</sup> SAFADY, Jorge Salim. A Imigração Árabe no Brasil. In: *História da Imigração no Brasil – As Famílias*. 7 ed. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, s.d., p. 78.

desconhecidas e partisse para a emigração. Aqueles que saíram do país antes da queda do Império Otomano receberam passaportes que foram expedidos pelo governo turco, o que causou grandes transtornos quanto à origem étnica dos imigrantes. Por isso, os imigrantes daquela região que aqui chegavam, muitas vezes eram chamados genericamente de "turcos", mesmo que fossem de origem síria ou libanesa.

Além desses motivos gerais que levaram as pessoas a emigrar para a América, existem casos particulares, como demonstra o estudo de Liliane Ferreira Carvalho, que ao entrevistar descendentes de sírios e libaneses residentes na Grande Florianópolis, mostra que

Os motivos da emigração não estão claros para a maioria dos entrevistados, que 'acham' que a família veio buscando trabalho, ou seja, 'fazer-se na América'. Segundo Nazira Elias, seus pais, Santa e Felício, vieram na década de vinte não só acompanhando uma irmã de Felício que veio atrás do marido que partira anos antes, mas reencontrar irmãos e tios que haviam partido há muitos anos. (...) Da mesma forma, Roberto Tuffi Mattar conta que seus pais vieram acompanhando uma irmã que, já casada e morando em Laguna, havia ido ao Líbano visitar a família quando estourou a Primeira Guerra Mundial. (...) Já na família Mansur, Nazira conta que sua mãe foi quem tomou a iniciativa, impondo a emigração como condição para aceitar uma proposta de casamento.<sup>2</sup>

Os primeiros imigrantes sírios e libaneses que vieram para o Brasil eram, em seus países de origem, moradores do campo e agricultores. Retiravam o sustento de suas famílias da agricultura de subsistência, e a experiência que tinham com o comércio restringia-se à venda dos produtos excedentes e da produção artesanal de tecidos e outros objetos, como utensílios de cerâmica ou de palha.

Mesmo assim, vieram estes imigrantes para terras brasileiras, atraídos pela possibilidade de espaços comerciais favoráveis ao lucro, instalando-se em regiões propícias ao desenvolvimento do comércio. Segundo Walter Piazza:

Acompanhando a penetração para o interior, este grupo radicou-se nas regiões servidas pelas ferrovias, já que suas atividades estavam ligadas às transações comerciais. (...) Instalaram-se nas zonas portuárias de São Francisco do Sul, Porto Belo, Tijucas, Florianópolis, Itajaí, Laguna, em antepostos como Joinville. Espalharam-se também ao longo das ferrovias de Blumenau, Jaraguá do Sul, Mafra, Porto União, Caçador, Canoinhas, Tubarão, Criciúma, Araranguá e outras cidades.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. *Do balcão à mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na Grande Florianópolis (1910-1950)*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2002, p. 54.

<sup>3</sup> PIAZZA, Walter Fernando, HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1997, p. 89.



Estes primeiros imigrantes que chegaram para trabalhar no Brasil tinham por objetivos a obtenção de lucro rápido, pois sua intenção era de voltar ao Oriente. Sendo assim, estavam dispostos a trabalhar com o que fosse preciso para enriquecer rapidamente.

No final do século XIX e início do século XX, o Brasil possuía uma política de imigração que incentivava a vinda de imigrantes para trabalhar nas fazendas do sudeste, especialmente na produção de café, e também para a colonização das regiões do sul do país, que muitas vezes precisavam ainda ser “desbravadas”. Em Santa Catarina, foram-se formando colônias nos espaços vazios entre o litoral e o planalto.

Os imigrantes europeus começaram a instalar suas colônias e precisariam de alguém que lhes fornecesse ferramentas e outros bens de consumo, como utensílios domésticos, roupas, tecidos e até alguns produtos considerados “de luxo”, como jóias, perfumes, espelhos, pentes, entre outros. É nesse contexto que surge o trabalho do mascate, exercido pelo imigrante árabe. Os mascates percorriam longas distâncias vendendo seus produtos de porta em porta. Muitas vezes mandavam dinheiro do trabalho para os familiares que ficaram no Oriente, o que incentivava a vinda de mais imigrantes. Quando conseguiam acumular capital suficiente, abriam uma “vendinha” de secos e molhados ou uma loja de armarinho.

Dessa forma estabeleceram-se junto às colônias européias em Santa Catarina, e puderam começar a trazer seus familiares. Os parentes e amigos que aqui chegavam iniciavam-se na nova profissão – mascate – pegando produtos, em consignação, com aqueles que já estavam estabelecidos, e assim, a experiência comercial era passada aos que chegavam à nova terra.

Quando um novo imigrante chegava, havia sido precedido por cartas de contato com os estabelecidos no Brasil e planos haviam sido traçados para ele. Geralmente agrupavam-se por parentesco ou região de origem e a mascateagem era seu começo na nova terra. Essa nova atividade era financiada pelos integrantes do grupo em que estava inserido e partiam deles os ensinamentos e ‘macetes’ da profissão. O ‘mascatear’ era uma atividade geralmente atribuída aos que recém chegavam à terra de acolhimento, como uma forma de ganho rápido que dependia somente da força de vontade do mascate e do auxílio de um patrício já estabelecido, para adiantar-lhe as mercadorias a serem vendidas. Dessa forma, sírios e libaneses assentava suas bases nos centros urbanos, levando para o espaço rural as ‘novidades’ da civilização.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Liliane Edira Ferreira, op. cit., p. 52.



Liliane Carvalho chama a atenção para um fato interessante dentro do contexto da fixação do imigrante sírio e libanês na Grande Florianópolis: na década de 1920, havia uma grande quantidade de lojas de imigrantes e descendentes na Grande Florianópolis, mas não existem fontes que comprovem como esse capital foi acumulado por estas famílias para o estabelecimento de tais comércios.

Uma das hipóteses para esse acúmulo de capital é que,

[...] assim como na colônia paulista, aqui se estabeleceu uma espécie de ‘rede familiar’, de ajuda e introdução aos recém chegados. (...) Redes que forma se estabelecendo com o tempo, desde a chegada do imigrante, sua fixação, o convívio com a família, e que extrapolaram o meio comercial, pois tiveram uma característica de ajuda mútua e convívio. (...) Essas redes de amizade participaram das relações estabelecidas na nova terra, seja no trabalho ou nos meios sociais.<sup>5</sup>

O acúmulo de capital fica evidente quando, nas décadas de 1940 e 1950, os comerciantes de origem síria ou libanesa começam a adquirir muitos imóveis, especialmente na região do Centro de Florianópolis. Eram prédios comerciais e residenciais, algumas vezes alugados a terceiros, e que ocupavam número expressivo nas ruas da capital.

Após essa “ocupação”, talvez fique mais compreensível a afirmação de Oswaldo Rodrigues Cabral que, num primeiro momento, parece um tanto agressiva:

Mais tarde deu-se a invasão dos árabes, sírios e libaneses, [...] faziam o negócio à maneira oriental, à levantina, com muitas negaças, ameaçando fazer retiradas mas, voltando, discutindo o valor das mercadorias e as pechincharias dos compradores, pedindo os olhos da cara para, depois, ir abatendo, aos poucos, até chegar ao preço que desejavam obter. [...] E fazia, isto quantas vezes fosse preciso, praguejando na sua língua, entre dentes, pois ninguém entendia... Com o sortimento no lombo, andavam o dia inteiro e, chamados, entravam nas casas para fazer as vendas. [...] Com o tempo, estes nômades se fixaram – e o resto a gente sabe. Tomaram conta...<sup>6</sup>

Muitas foram as famílias de origem síria ou libanesa que prosperaram em Florianópolis, dentre elas as famílias Daux, Cherem, Daura, Boabaid, Mussi, Elias, entre outras tantas. Sua prosperidade deve-se ao seu sucesso comercial, que fica evidente conforme os anúncios em jornais da época, como no Jornal *O Estado*, que publicou em suas páginas,

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 58-59.

<sup>6</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. V. 1 Notícias. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 341.



nas décadas de 1940 e 1950, propagandas de lojas e outros estabelecimentos de imigrantes e seus descendentes.

É importante salientar que após estabelecidos com seus comércios – que geralmente restringiam-se a lojas de armarinho e tecidos – essas pessoas diversificaram suas atividades, partindo para outros tipos de negócios, como a família de Tuffi Amin, que além de possuírem a Casa 3 Irmãos (conhecida como o Palácio das Sedas), abriram também uma concessionária, Ford, conforme publicação anterior, de 09/11/1947, anunciando para “breve a abertura de instalações modernas para dar assistência eficiente a todos os produtos Ford”.<sup>7</sup>

Também a Família Cherem partiu para outros ramos de negócios, conforme anúncio do *Jornal O Estado*<sup>8</sup>:



Anúncio de estabelecimento da família Cherem.

É marcante a presença de descendentes dessa etnia em diversas áreas da medicina. O Dr. Miguel Boabaid, clínico geral, especialista em moléstias pleuro-pulmonares, atendia em seu consultório na Rua Trajano<sup>9</sup>. O Dr. Antônio Dib Mussi e sua esposa, a Dra. Wladyslava Wolowska Mussi atendiam juntos, também na Rua Trajano. Nos jornais era anunciado um “serviço completo e especializado das doenças de senhoras, com modernos métodos de diagnósticos e tratamentos”.<sup>10</sup>

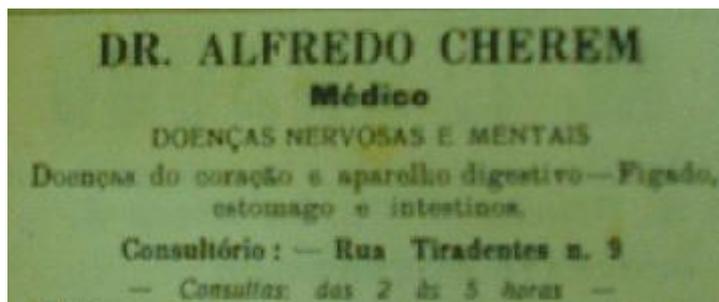
Anúncios referentes às especialidades médicas também foram publicados no *Jornal Diário da Tarde*:

<sup>7</sup> Jornal O Estado. 09/11/1947, p. 7.

<sup>8</sup> Jornal O Estado. 03/10/1947, p. 7.

<sup>9</sup> Jornal O Estado. 04/01/1941, s/p.

<sup>10</sup> Jornal O Estado. 04/07/1951, p. 8.



Anúncio do Dr. Alfredo ChereM.<sup>11</sup>



Anúncio do Dr. Lauro Daura.<sup>12</sup>

Essas famílias de origem árabe não tiveram problemas em se inserir na sociedade florianopolitana, conforme notas das colunas sociais publicadas também em jornais da época. Um nota publicada no *Jornal O Estado*, em 1941, anunciava:

Em companhia de seu irmão, sr. Sargento Mansur, da F.P. visitou-nos ontem a gentil srta. Nazira Mansur, que, a expensas do Estado, cursa o Conservatório de Música (secção de canto), cujo 4º ano concluiu com brilhantismo. A srta. Mansur, que aqui se acha em visita à sua família, dentro destes dias dará uma audição ao Sr. Interventor Nereu Ramos e outra a imprensa.<sup>13</sup>

Também em uma nota do *Jornal Diário da Tarde* fica claro que algumas dessas famílias de origem árabe gozavam de certa importância na sociedade de Florianópolis:

Regressou ao Brasil, tendo chegado ontem a esta capital, depois de longa estada na Síria, onde foi rever seus parentes, o nosso estimado amigo e valoroso companheiro de lutas políticas sr. Elias Paulo, antigo e conceituado comerciante nesta praça e em Laguna. O sr. Elias Paulo que

<sup>11</sup> *Jornal Diário da Tarde*. 07/04/1947, p. 2.

<sup>12</sup> *Jornal Diário da Tarde*. 30/08/1948, p. 3.

<sup>13</sup> *Jornal O Estado*. 08/01/1941, s/p.



consta com um vasto círculo de amizades em Florianópolis, tem sido muito visitado. Diário da Tarde que o tem na conta de seus bons e prestimosos amigos, cumprimenta-o prazerosamente<sup>14</sup>.

A partir da análise destes fragmentos de jornais publicados nas décadas de 1940 e 1950, percebe-se que estes elementos formadores da mistura étnica catarinense foram figuras fortes não apenas no comércio, mas tiveram uma participação marcante também em diversos outros setores da sociedade. Isso fica evidente quando percebemos que inúmeros logradouros da cidade possuem nomes de famílias de origem árabe.

Esta reflexão sobre o comércio da época nos proporciona um entendimento acerca da importância dos imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na região de Florianópolis, uma vez que estes participaram do desenvolvimento daquele local. Sua prosperidade favoreceu a diversificação comercial, e muitas famílias mudaram seu ramo comercial, o que foi favorável a uma cidade em desenvolvimento.

Fontes (Jornais)

*Diário da Tarde*. Abril de 1947.

\_\_\_\_\_. Agosto de 1948.

*O Estado*. Janeiro de 1941.

\_\_\_\_\_. Setembro de 1943.

\_\_\_\_\_. Outubro de 1947.

\_\_\_\_\_. Novembro de 1947.

\_\_\_\_\_. Julho de 1951.

\_\_\_\_\_. Dezembro de 1956.

#### Referências Bibliográficas

BOABAID, José Felipe. A Contribuição Sírio-Libanesa. In: MELLO, Oswaldo F. de. *História sócio-cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Lunardelli/IHGSC, 1991.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. v. 1 Notícias. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

---

<sup>14</sup> Jornal Diário da Tarde. 29/04/1947, p. 7.



CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. *Do balcão à mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na Grande Florianópolis (1910-1950)*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2002.

LAGO, Paulo Fernando. *Santa Catarina: a transformação dos espaços geográficos*. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 2000.

PIAZZA, Walter Fernando, HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Lunardelli, 1997.

SAFADY, Jorge Salim. A Imigração Árabe no Brasil. In: *História da Imigração no Brasil – As Famílias*. 7 ed. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro, s.d.

Recebido em 16 de junho de 2008.

Aceito para publicação em 12 de julho de 2008.

